REDACÇÃO
RUA DO CORPO DE DEUS

ADMINISTRAÇÃO
RUA DO BORRALHO
COIMBRA

CLARIM DAS RUAS

SEMANARIO REPUBLICANO ACADEMICO

1.º ANNO — NUMERO 4

Quinta feira
2 de dezembro de 1897

ASSIGNATURA
Trimestre (12 numeros) .... 350 réis
Semestre (24 numeros) .... 650 »

ANNUNCIOS
Linha .... 20 réis
Imposto do sello .... 10 »

DECLARAÇÃO

Saibam todos os que teem olhos para ver e cerebro para pensar que cá estamos, que este semanario, continuação do *Portugal* por nós redigido, nada tem de commum com o *Portugal* que foi orgão do «Grupo Republicano Academico».

Clarim das Ruas

Saibam todos os que teem olhos para ver e cerebro para pensar que cá estamos, que este semanario, continuação do *Portugal* por nós redigido, nada tem de commum com o *Portugal* que foi orgão do «Grupo Republicano Academico».

Que todos o saibam, desde o rei até ao garoto que nos limpa as botas, desde o ministro do reino até ao servo da Universidade e ao barredor dos lyceus.

Saibam todos, ninguem ignore, que o nome d'este semanario é uma prova de delicadeza, um *sim* a um pedido amigo, mas saibam todos tambem que não é o nome que faz o jornal, como não é a albarda que faz o burro, a etiqueta que faz a mercadoria.

Tinhamos dado a este semanario o nome de *Portugal*, sahiram-nos ao caminho e disseram-nos = *isso é mercadoria fragil e contrabando, a sua propriedade pertence-nos*; = fizemos as nossas investigações e apuramos o seguinte: **a mercadoria é fragil, muito fragil mesmo, a sua viagem foi entrecortada por trambulhões extraordinarios, propriedade de José Maria dos Santos Nazareth que cedeu o seu uso aos srs. do** *Grupo Republicano Academico*, **deixaram-na os seus usufructuarios em uma estação qualquer, com a designação — mercadoria avariada; — alguns rapazes encarregaram-se então de a levar por deante e, compondo-a, disseram que os actuaes encarregados da segurança e bom estado do** *Portugal* **nada tinham de commum com os antigos; estes retentores da mercadoria revoltaram-se, em parte seja dicto, e pareceu necessario aos retentores actuaes deixal-a em deposito, tornarem evidente que o uso d'uma cousa é distincto da sua propriedade,** *fizeram-no e esperam que o «Portugal» siga viagem.*

Está dada a razão porque o *Portugal* passou a ser **Clarim das Ruas**; a sua norma de vida será a mesma que temos seguido até aqui; medo é coisa que não temos, quando quizerem cá estamos.

Se formos procurados por jornalistas á Chico-Russo, como ha dias fomos nos claustros da Universidade, chamaremos um policia e entregar-lhos-hemos.

Se o delegado nos quizer fazer sentar no banco dos reus, temos a franqueza e a dignidade de para lá irmos de cabeça erguida e nada temermos.

O *Clarim das Ruas* será sempre o primeiro a dar o signal de guerra, porque é escripto por penas novas, cheias de vida e que na cadeia serão os mesmos homens que em liberdade, que, presos embora, não se julgam feridos nem desanimados senão quando um pedaço de chumbo lhe faça gelar as extremidades e lhe diga vae para a refeição commum.

Estamos mortos por irmos para lá, talvez que já não seja cedo, porque a Revolução já devia ter sido feita e entre os mortos é talvez mais que certo que encontrassem os nossos corpos.

Queremos ir na vanguarda, queremos ser os vedetas perdidos que mostremos ao Paiz que ser estudante e ser republicano revolucionario não é só escrever que a *Revolução* urge, que estamos em um estado desesperado para o qual a medicina politica não tem nada a receitar, ou a cirurgia da evolução politica operação alguma a fazer.

Ser estudante é indicar ao Povo, ao Paiz, á Humanidade qual o caminho que deve seguir, oriental-o, mostrar-lhe os atalhos que deve evitar, as encruzilhadas de que deve fugir.

Ser republicano é guerrear pela penna e pelo facto o actual regimen de dissolução e venalidade.

Ser revolucionario é pegar numa escopeta e ir com ella na vanguarda do exercito do Povo revolucionado, mostrar como se morre, como se guerrea o existente.

Ser estudante republicano-revolucionario é tudo isto, é o não temer a morte, é o ter desdem pela vida.

O *Clarim das Ruas*, garantimol-o, hade saber cumprir a missão que se impoz, hade saber mostrar que a intransigencia do espirito academico-revolucionario vae até ao ponto de se não mandar um folhetim para um jornal monarchico, um protesto republicano para o jornal de todos os partidos, para o *Seculo*, para esse jornal que o *Grupo Republicano de Estudos Sociaes* excommungou, que o actual *Directorio* votou á execração publica.

A nossa orientação foi apprendida com os revolucionarios Hungaros, com Olmus e Kossuth; com os Polacos, com Tronsko e tantos outros; e nunca com os Goerneys, os Bazaines, os de Sagunto, etc.

Quebrar uma espada de encontro a uma parede é uma cobardia, quebral-a d'encontro aos ossos do peito é mais que um acto de valentia, é uma heroicidade.

Inventar uma *pavorosa* não passa d'uma baixeza sem nome, d'uma infamia sem limites; punir quem a inventa é um acto de justiça, é um acto de dignidade.

Pedir o sangue d'um delapidador da fazenda publica e dos creditos da nação, que, em Portugal, é arrastar á morte um regimen, sem se lhe offerecer o nosso sangue em troca, é cobardia, é miseravel; chamal-o ao campo da honra, fazer-lhe pagar caro o seu crime deante dos conniventes, é um acto de moralidade e de ensino.

Mas para se pensar assim é preciso uma carta limpa, um caracter franco e leal, uma caçadeira e uma faca de matto.

É por isso que o *Clarim das Ruas* hade ter muitos inimigos, porque se não roja aos pés de ninguem a pedir-lhe que faça que acceita o nosso modo de ver e pensar e que domine o seu animo em proveito da nossa propaganda.

Com todas as cartas na mesa, jogo franco e leal, é que nós jogamos; não temos trapaças nem batotas, temos coração e cerebro, sentimentos e raciocinio.

Quando um municipal nos pedir lume para accender um cigarro, dar-lh'o-hemos no extremo do cano d'um rewolver, quando um policia nol-o pedir não lh'o daremos, porque é um denunciante.

Não somos orgão de qualquer dos *partidos* que dividem o Partido Republicano, somos orgão da nossa consciencia, do nosso modo de pensar.

Quando aos chefes parecer que levamos orientação errada é dizer-nol-o com franqueza, sem atavios de linguagem, pesaremos as razões e sem ser num automatismo repugnante, numa passividade obediente, cederemos, mas cederemos, quando as razões nos mostrem que o devemos fazer, quando as circumstancias o exijam.

Tem sido movida uma guerra á surdina, nós sabemos por quem, contra este semanario, contra a sua vida, intrigando os redactores uns para com os outros, querendo mostrar-nos como rapazes sem dignidade ao Partido a que pertencemos, apresentando aos nossos collaboradores umas chamadas *razões politicas* que elles não têem comido, porque confiam em nós, porque lhe têem sido servidas por pessoa pouco sympathica.

Outros no logar d'alguns dos redactores d'este semanario teriam lançado a missão contra a parede e estariam a rir-se folgadamente para os nossos *inimigos republicanos*: nós não; nós rimo-nos d'elles.

O *Clarim das Ruas* é feito do mesmo metal com que são feitas as capsulas das balas com que no *dia santo* mimosearemos a monarchia, portanto não se amolga assim com facilidade, mesmo porque o *Clarim das Ruas* é o echo das reclamações populares e muito grande precisa de ser a força que reduza a nada o Povo.

Quando o *Clarim* não soe, brada a *Patria Republicana* por a Revolução, é então o echo das reclamações das ruas; atraz d'esta pode fazer estremecer os ares o *Grito de Janeiro*, esse grito que fez tremer um throno, preparar malas e accender caldeiras.

Ahi têem pois que não é o nome que faz o santo, que o grito de barricada tanto pode ser levantado por o som do *Clarim*, como por o estridor do *Grito*.

Quem ler o *Clarim* deve convencer-se immediatamente que elle é escripto por quem não tem ração á mesa da monarchia, por quem espera ter collocação só á custa do seu trabalho, do seu estudo.

E mais nada; ahi fica o nosso modo de ver as cousas e o mundo.

Uma queixa

Uma mulhersinha veiu procurar-nos e fazer-nos a seguinte queixa:

No dia 20 foram presos os menores Angelo e Benedicto, filhos de Xavier Ferreira, por andarem garotando num largosito a que, para vergonha nossa, chamam Alameda Camões; até aqui nada de notavel.

Chegados á esquadra, o policia capturante, o n.º 49, por um dos pequenos se haver espojado no chão bateu desesperadamente na creança e foi batendo tambem no outro pequeno, o que chegou por qualquer fórma aos ouvidos de Xavier Ferreira que, tocado na alma de pae, foi á esquadra e fez ver ao policia n.º 49 que elle era pae dos rapazes, que sabia que elles eram garotos, mas que a ninguem consentia que lhe batessem.

O 49, irado, mandou calar o homem e disse-lhe que o mettia na cadeia se continuasse; o cabo 6 estava presente e nada d'isto evitou.

O certo é que o sr. Xavier Ferreira teve de se retirar para não ir para a cadeia.

Sempre queriamos que o 49 nos dissesse com que direito se bate nos presos e o cabo 6 o que significa o facto de elle não fazer ver ao policia que o seu procedimento havia sido incorrecto.

Ahi está a queixa; esperamos as providencias do sr. commissario.

O REGIMEN DESCENTRALISTA

Posto que o nosso semanario não tenha sido fundado para transcripções d'artigos nem as queira fazer, não podemos hoje furtar-nos a fazel-o.

Com a devida, venia transcrevemos de *O Odemirense* o artigo que se segue.

«O que caracterisa o regimen centralista, ou cesariano, é a intervenção do estado nos negocios e actos que pertencem á autonomia individual e local.

Esta intervenção, quanto mais pretende disfarçar-se em providencia *tutelar* e bemfaseja, tanto mais denuncia o seu caracter oppressivo, e espoliador.

Por que com as suas prevenções cada vez mais suspeitosas, com os seus regulamentos cada vez mais meticulosos e apertados, com os seus poderes cada vez mais discricionarios, e com o seu pessoal cada vez mais numeroso, arrogante, e rapace, vae a pouco e pouco extinguindo as liberdades individuaes e collectivas, e arrancando o melhor da riqueza publica aos que com a sua iniciativa, os seus esforços, e sacrificios de toda a especie, conseguem produzil-a.

Para esta extorsão tem no regimen fiscal um instrumento maravilhoso.

A usurpação dos direitos individuaes e locaes, praticada pelo estado, ainda poderia tolerar-se, e ter como que a sua rasão de ser, se em compensação das violencias, feitas á liberdade e á algibeira dos cidadãos, assegurasse ao paiz uma situação material prospera, e o fizesse respeitar do estrangeiro.

Ora por este lado tem sido talvez mais calamitosa a sua acção.

Porque já esbarrou na bancarrôta e no papel-moeda, e anda pondo em leilão alguma coisa que ainda nos resta dos nossos dominios coloniaes.

Estes desastres, eram de prever, porque eram a consequencia inevitavel do regimen.

O poder foi sempre um instrumento d'oppressão e d'exploração social.

Se as funcções do estado são limitadas, e a administração propriamente dita está a cargo dos cidadãos e das localidades, como, por exemplo, na Suissa, não podem os governantes fazer muito mal.

Mas quando o estado dispõe de todos os meios d'acção da collectividade, e se constitue em dictadura permanente, como em Portugal, não ha vexame, nem despotismo, nem extorsão, que os governantes não exerçam sobre os governados.

Porque — digam o que disserem os optimistas — é proprio da natureza humana o querer cada um viver á custa dos outros. E *Hobbes* não calumniou a especie humana, quando escreveu: *Homo hominé Lupus*.

E, por outro lado, o *socialismo do estado*, companheiro inseparavel do regimen centralista, é um sorvedouro insondavel dos dinheiros publicos; e isso contribue para que um tal regimen liquide sempre pela bancarrôta

Eis porque os governos cesaristas e *providenciaes* não dão honra nem proveito a paiz algum.

E eis tambem porque quem quizer assegurar a liberdade individual e local, e preparar a solução do problema economico e financeiro, tem de começar pela implantação do regimen descentralista, ou democratico.

O regimen centralista foi sempre incompativel com a liberdade e com a boa administração dos negocios publicos. Porque não são as classes productoras, as interessadas na boa administração, que governam; mas os que querem viver á grande, e sem riscos, á custa do imposto, isto é, dos governados.

Mas — perguntar-nos-hão — por onde começar a demolição do regimen centralista?

Primeiro, revogam-se todas as leis e regulamentos que tolhem o direito de reunião, de associação, e de discussão, quer com a palavra, quer com a penna. Extinguem-se todos os monopolios que attentam contra a liberdade da industria, todas a medidas que embaraçam o livre transito atravez das fronteiras. Impõem-se penas severas a todos os funccionarios, sejam de que cathegoria forem, que violarem os direitos individuaes.

Acaba-se, em summa, com as medidas preventivas, que são sempre incompativeis com a liberdade.

Depois, emancipam-se as juntas de parochia, as camaras municipaes, e as juntas geraes (que serão logo restauradas), supprimindo-se as regedorias de parochia, as administrações de concelho, e os governos civis, passando as respectivas funcções para as corporações, que fiscalisavam.

Em seguida dá-se um golpe profundo no *socialismo do estado*, suprimindo-se o ministerio das obras publicas, que é o grande instrumento de corrupção politica, e a mais insaciavel das sanguesugas do orçamento.

Melhoramentos publicos quem os quizer, e com elles aproveitar, que os faça á sua custa.

É como se procede na Inglaterra, que nunca teve ministerio das obras publicas, nem d'elle carece.

Por este *panno d'amostra* podem já calcular-se os effeitos da descentralisação.

Jacintho Nunes

TRIBUNA ACADEMICA

OS CASOS DA SEMANA

Quando preparavamos galas e enfeites para abrirmos esta secção, deparamos unica e simplesmente com casos tristes e que nos são deveras pesados e dignos de lastima.

Á falta d'um jornal academico em Coimbra, quizemos nós, como de facto fazemos, abrir uma secção n'este semanario que, posto republicano, está ao dispôr dos nossos collegas nos bancos das escholas para tratarem de pugnar pelos interesses da classe.

Não foram os factos decorridos esta semana que fizeram com que esta secção aqui esteja, nasceu antes de se terem, infelismente, dado.

Por uma má comprehensão das praxes teem-se ellas tornado abusivas e meio de satisfazer vinganças pessoaes, deu-se isso com um dos redactores d'este semanario, que apanhou um *cannelão* em pleno peito para que um *valente* satisfizesse assim os seus impetos de vingança,

Vão já passados annos, mas iamos indicar o logar preciso em que o facto se deu.

Julgamos que é contra a praxe dar-se *cannelão*, fazer-se troça, etc., nos dias de licenciado, theses e demais festas academicas e portanto, sendo isto verdade, essas mesmas praxes deixam de o ser nesse dia, para que o contrario seja o estabelecido com o uso.

O primeiro dos factos a lamentar deriva d'um abuso praticado, a nosso ver, no cumprimento rigoroso da praxe; revolta portanto.

Historiemos o incidente tal qual nol-o narrou pessoa que seguiu de perto a questão e que é por signal testemunha.

Ia o alumno do 1.° anno de mathematica João d'Almeida, alferes d'infanteria 12, para a aula, quando um estudante que estava á Porta-Ferrea chamou outros afim de troçarem o nosso commum collega, isto revolta já; quando entrava o estudante João d'Almeida começaram os estudantes, chamados por o collega, e este, a gritarem — um, dois, um, dois, — facto que levou o troçado a dar uma bofetada em um dos trocistas; houve a reacção e o João d'Almeida, vendo-se agarrado por as costas, tendo já levado alguns soccos e vendo que a espada lhe podia ser quebrada, o que era uma offensa gravissima á sua qualidade militar, tratou de a pôr a salvo, momento em que n'um movimento mais ou menos d'esgrima, de que é eximio professor, feriu com ella o estudante Manuel Videira que, ao que nos foi dicto, lhe tinha já dado uns soccos.

O estudante Videira foi então dar parte á reitoria e dizem que tambem ao commando militar; isto é que não é academico, porque ainda ha pouco se deu uma bofetada por mão de mestre á Porta-Ferrea e o aggredido não procurou tal desforço.

Se o João d'Almeida feriu com esse firme proposito e com elle desembainhou a espada, parece-nos tambem pouco correcto o seu proceder, posto que tenha as attenuantes acima indicadas.

O queixoso nem se lembrou que, na sua qualidade de reservista, tem tambem de responder a conselho de guerra e que a sua situação é peior do que a do João d'Almeida, visto ser um inferior que aggrediu um superior, um inferior que se foi queixar militarmente do superior sem sua licença, etc.

Aguardemos os acontecimentos para podermos informar os nossos presados leitores do que se passar.

Cumpre-nos registar que o Ex.^{mo} Reitor substituto sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos e demais pessoal encarregado do serviço da captura foram d'uma urbanidade e delicadeza a que a policia de Coimbra nos desacostumou.

É sempre grato elogiar-se a auctoridade.

Na imparcialidade que nos caracterisa, imparcialidade com que tratamos todos os assumptos, e com a lealdade que nos distingue, cumpre-nos dizer que o conflicto entre João d'Almeida e os demais collegas não tem esse aspecto de ferimentos voluntarios, de espirito provocador, mas sim de ferimentos que derivaram d'um movimento da espada, do cuidado na defeza d'um distinctivo de classe.

Não se pode considerar estudante d'um curso superior aquelle que provoca, anda acintosamente na pista d'um individuo, não; esse deve rasgar a capa e substituil-a nem sabemos porque.

Não se dá isto felizmente com os estudantes de Coimbra que são d'uma dignidade não desmentida e que jamais envergonham os trajes academicos com factos d'esses, é a resalvarmos já as falsas interpretações que espiritos menos educados lhe possam dar.

O João d'Almeida ia á militar, porque lhe é prohibido usar outro traje por instrucções do Ministerio da Guerra, instrucções que durante muito tempo estiveram no Pateo da Universidade, mas João d'Almeida, que tem dado provas de tão aprimorada educação e de tão robusta intelligencia, não envergonhou o uniforme militar, como não envergonharia o academico ou o fato civil.

◆

O dia 24 de novembro foi pois um dia mau, e foi-o tanto peior que perto da meia noite foram presos por o commissario de policia, ao que nos consta, os quintanistas de Direito—Francisco Fausto Guedes Gavicho e Manuel Casimiro do Amaral Reis e ainda o sr. Francisco Coelho do Amaral Reis, professor na Eschola Agricola Moraes Soares, que os mandou conduzir á cadeia civil d'esta cidade.

Dizem-nos que o commissario de policia os agarrou por as costas e lhes chamou *malandros*, o que não acreditamos por pensarmos que a auctoridade referida tem educação.

Como não sabemos as razões detalhadas que determinaram a captura dos nossos collegas e do sr. Amaral Reis nada mais podemos adeantar sobre este caso.

◆

Foram tambem presos e enviados para juizo os nossos collegas Alfredo Ayres de Campos Leal, alumno do 4.° anno de Direito, e Antonio d'Oliveira Junior, alumno de 5.° anno da mesma Faculdade, por se envolverem em desordem com o sr. José Moreira Netto, operario.

Estas prisões foram feitas no dia 23 do corrente.

◆

Deixamos muito de proposito para o fim o facto mais lamentavel, a tentativa de suicidio do nosso collega e amigo José Julio da Silva Anachoreta, alumno do 2.° anno de Direito, que na noite de 24 deu um tiro de rewolver no lado esquerdo da região toraxica, junto ao coração, orgão que, ao que parece, foi que determinou o desespero ao nosso presado collega.

Cremos que foram uns arrufos com a noiva que determinaram o desespero do nosso amigo.

Os policias 38 e 79 prestaram bom serviço accudindo ao desventurado estudante que, no momento da chegada dos guardas, se encontrava de bruços, tendo ainda o rewolver na mão.

O desditoso foi conduzido ao banco do Hospital afim de receber os primeiros curativos.

José Julio Anachoreta tem 20 annos e é de Santarem.

Estimamos as melhoras do nosso infeliz collega.

Pabref

Faculdade livre de direito em Lisboa

Um grupo de jurisconsultos e homens de sciencias trabalha na organisação de uma faculdade livre de direito, em Lisboa.

Vae ser uma pandega, em Coimbra estudam depois as mulheres e em Lisboa os homens por causa dos... escandalos e das liberdades.

«O Seculo» republicano

No dia 22 estava um dos redactores d'este semanario no deposito de sabão da fabrica do sr. Martha, sito na Praça do Commercio, quando chegou um vendedor de jornaes; o empregado da casa comprou *O Paiz* e *O Seculo* que o redactor referido leu por sua vez.

Quando o nosso collega estava lendo *O Seculo* diz-lhe o empregado — Então v., um republicano, ainda lê *O Seculo?*

AINDA A QUESTÃO DO JOGO

Esperavamos que o nosso correligionario defensor do jogo em Portugal nos dissesse qualquer coisa em resposta ao nosso ultimo artigo, suscitado por alguns reparos que o artigo em questão nos mereceu.

Outrotanto se não deu com o auctor do artigo que contestamos, a quem não merecemos resposta, seria por nos julgar o sr. redactor menos capaz de discutir com elle?

É provavel; certo é porém que neste burgo em que vivemos isso é tomado por falta de luzes do articulista.

Alguem disse porém que nós não indicamos o nome do administrador do tal bairro do Porto, porque esse facto se não deu, foi galga arranjada por nós para armar ao effeito; ahi vae o nome e melhores informações, tomadas mais a seguro e em dados mais firmes.

Teriamos immenso praser em sermos desmentido, porque isso nos levaria longe no caminho do escandalo publico.

Pessoa que conhece a questão mandou-nos o seguinte:

«O administrador substituto de um dos Bairros do Porto a quem se refere na questão do jogo o sr. Carlos Antunes no n.° 2 do jornal o *Portugal* é o bacharel *Alfredo Balduino de Seabra*, actual *administrador do concelho de Arouca*, e que foi transferido do de Coimbra, em **remuneração** (sic) dos seus longos serviços, por o sr. José Dias Ferreira.

O citado administrador, nomeado para um dos Bairros do Porto (2.°), ahi prestou relevantes serviços como bem evidentemente o demonstou a imprensa jornalistica d'essa epocha e em que poderemos citar a *Aurora de Lima* de Vianna do Castello, o *Clamor Publico*, *Nacional*, *Echo Popular*, de 1857 a 1863.

Luvas, verdade é que foram offerecidas, não para acceitar a effectividade em outra parte qualquer, mas sim para não servir no 1.° Bairro, ao que o citado administrador respondeu que nada receassem, pois não seria mais chamado a fazer serviço nas administrações, visto só saber cumprir com os seus deveres.

Os jogadores que, em outro tempo, eram uma potencia, não deixam hoje de ter o mesmo poderio, uma prova está nos comboios especiaes, chamados de batoteiros, a luz electrica, etc., a expensas dos estabelecimentos, para com o seu luxo, fausto e concertos attrahir os incautos.»

Com vista ao sr. José Luciano de Castro enviamos o proceder recto e integro d'este funccionario com 31 annos de serviço administrativo.

Carlos Antunes

VOLTANDO Á CARGA

Quando no passado numero dissemos que a **Revolução** se impunha por causas historicas e sociologicas, mal sabiamos nós que tinhamos d'hoje vir de novo á estacada, confirmando as nossas anteriores affirmações; tivemos de voltar, cá estamos!

Estamos proclamando a necessidade da **Revolução** e não vamos já para a rua, porque nos não mandam, posto que bem conheçamos que o nosso **bacamarte** se está a **enferrujar**, as nossas mãos a **revoltarem-se**.

Bem sabemos, porque já o dissemos, que um grito de **Revolta** é o bastante para se fazer levantar o Povo portuguez, que o collocar uma barrica d'alcatrão no meio das ruas é o mesmo que incendiar um throno, reduzil-o a cinzas; sabemol-o tão bem que quando virmos irem para o mercado os camponezes com varapaus ou cegadeiras, levantaremos o grito **d'emancipação** e de **Liberdade**.

Estamos certos que então a **Revolução** triumphará, porque atraz do grito de **Revolução** soltado aqui na cidade, os campos o transmittirão aos valles e os montes de quebrada em quebrada repetirão como echo sonoro

Revolução! Revolução!!

Os nossos mortos num entrechocar d'ossos e convulsões d'almas, dirão de sob a terra que os cobre

Bemdita sejas Revolução heroica, homerica!

Aqui temos nós o grito d'alma, a exigencia do espirito, o impulso do corpo que nos lança para o seio da **Revolução**, com a mesma coragem, o mesmo denodo, a mesma fé com que o *martyrio da Cruz* levava os crentes para as fogueiras, o martyrio, a morte dos ladrões!

Na corrente dos tempos ha qualquer cousa de fatal neste determinismo que nos avassala; as condições são determinantes d'uma convulsão politica, portanto o fatalismo da natureza d'esses mesmos factos, nos leva á conclusão de que nos devemos revolucionar, de que devemos fazer immediatamente a **Revolução!**

As causas historicas que dissemos determinam a **Revolução** não são segredo para ninguem, são as mesmas que apontа *Luis Blanc*, que levaram metropoles e colonias a revolucionar-se; a Grecia e Roma, Londres e o mais pequeno burgo teem já proclamado, têem-se mesmo servido da

Revolução!

Passemos aos motivos sociologicos da actual opportunidade da **Revolução:**

Em um artigo passado, mostramos já que a occasião da *procissão vir para a rua* é agora, que a **Revolução** é exigida por os motivos historicos que apontamos e por motivos sociologicos; ahi, nesse artigo, já nós mostramos que a occasião de tirarmos tudo, fueiros e cacetes, sabres e espadas, pistolas e bacamartes, do canto onde temos as cousas sem prestimo guardadas, chegou.

Suggeriu-nos este artigo o facto de acabarmos a leitura d'um livro recentemente publicado — *L'Individu et la Societé* — em que o seu auctor, o mesmo dos livros — *La societé future* e *La grande famille*, — põe de parte toda a interpretação economica, faz que desconhece que, se não é verdadeiro o principio de Marx «que o factor economico é o unico na determinação dos phenomenos sociaes, que todas as privações de Liberdade assentam em um *substractum* economico, menos o é o seu.

Se não estivessemos a escrever para as massas incultas de mistura com as cultas, senão escrevessemos para as ruas, estudariamos a questão por outra fórma e d'outra maneira; aqui temos simplesmente em vista demonstrar que a **Revolução** está a ser exigida por as condições existentes da vida do Povo Portuguez.

Os antogonismos economicos entre o Povo e a monarchia é que são a origem da oppressão politica, é que nos chamam á

Revolução.

É aqui que assentam as razões sociologicas da necessidade da **Revolução**, porque **esta** é «o phenomeno *social* resultante do duplo ambiente natural e economico, que consiste na transformação d'uma fórma d'organisação *social* noutra que seja mais harmonica com as novas condições do meio.»

Não ha ainda muito tempo que no 3.° Congresso do *Instituto internacional de Sociologia*, celebrado a 21 de julho do presente anno sob a presidencia de **Mr. Paul Lilienffeld, Mr. R. de la Grässerie**, na sua these *La evolution de la idéé monarquique*, mostrou que a ideia monarchica no seculo actual é uma vergonha dos tempos, como é um elemento crystalisado da Sociologia.

Poderiamos ainda referir-nos á these de **Mrs. J. Novicow, G. Tarde** e **C. de Krautz**, que derrubou por completo todos os argumentos que adduzir-se podessem em favor d'essa ideia caduca e perdida entre os papeis-esterco, que o trapeiro procura para ir vender a um ferros-velhos.

Demorarmo-nos mais tempo a demonstrar á face da sciencia a necessidade immediata da

Revolução

é trabalho fastidioso, porque as ultimas palavras da sciencia estão ahi; a monarchia é a vergonha dos tempos, é um elemento crystalisado da Sociologia; procura-se entre os papeis inutilisados para se ir vender a um ferros-velhos.

. . . .

Basta, cheira mal, **façamos-lhe o enterro** ao som do clarim da revolta, das salvas do nosso bombardeamento.

A França fez a encineração da monarchia, para que os fogos fatuos não fossem levar uma peste á Patria de **Victor Hugo**; o Brazil lançou-lhe os seus ultimos restos, depois de desinfectados e queimados no sertão, para que **Tiradentes** não tenha que se revoltar no tumulo contra a peste que tenta invadir a sua terra natal.

Que fazemos nós, deitados de ventre para o ar, a contar os dias que faltam para pagar a decima que não votamos, pagarmos o luxo que não auctorisamos?

Nada; e não fazer nada é já fazer alguma cousa, é deixarmo-nos morrer como cobardes, como homens sem honra, sem dignidade, sem nome.

O animal que não tem nome, que não está inscripto na policia é um cão vadio, um bicho abandonado que se mata por utilidade publica.

Se temos um nome, o que francamente duvidamos, mostremol-o, evidenciemol-o!

A fórma de mostrar ao mundo que **Camões** teve Patria e que nós não a deixamos ferir de morte é **revoltarmonos**, fazermos triumphantemente, com sangue embora, a **Revolução**.

Meus senhores, queiram tomar os seus logares.

NOVA AURORA

É este o nome d'um semanario academico, que no dia 21 de novembro viu a luz da publicidade em Lamego.

Não se diz politico, mas diz-se independente, é o que basta; independencia e dignidade são já coisas raras nos tempos que vão correndo.

O semanario que está desligado do patronato official da Academia, apresenta-se na sua generalidade bem redigido e bem escripto; se não fosse tão litterario, mas sim um pouco mais positivo, entrando nas lides academicas scientificas e quebrando os brios vãos d'uns professores vasios que ainda ha nessa terra seria um pouco melhor.

Fallamos com toda a imparcialidade, posto que vinculos estreitos nos liguem a Lamego, terra onde passamos o melhor da nossa vida academica, guerreando um Peixoto (que se dizia superior ao reitor Dr. Mendes) e um outro caranguejo que por ahi parasita ainda.

Corte, collega, que tem muito a cortar, e lembre-se que o Mendes disse uma vez, quando ahi foi a rainha, que quem não seguisse as suas indicações **ficava reprovado** e que houve rapazes de toda a independencia e dignidade, que ficaram *approvados* contra a vontade do então reitor e que os caudatarios — foram derrotados em grande numero.

Longa vida e muitas felicidades.

ASSALTOS

No dia 28 de novembro pelas 4 horas da tarde, quando um nosso amigo estudante da Universidade julgava recrear-se no Choupal, méta d'esta cidade, foi barbaramente espancado por uma quadrilha de malandrins no meio dos quaes se encontrava um operario de Lisboa, actualmente empregado na penitenciaria, que, segundo as informações que nos deu o nosso amigo, parece ser este o auctor do attentado.

O nosso amigo veio para Coimbra onde recebeu curativo numa pharmacia. Rapidas melhoras lhe agouramos.

◆

Por a mesma quadrilha foi ali espancado um outro academico José Cid, a quem roubaram uma bengalla encastoada a prata.

Visto estarmos prohibidos, pelo sr. commissario de policia, de passear das 11 horas da noite em deante, pedimos providencias a s. ex.ª para que nos seja permittido passear antes d'aquella hora.

Joafer

Gungunhana

Diz a *Folha do Povo:*

«O sr. Mousinho custa ao Estado por anno esta insignificancia: *doze contos* de réis como commissario régio, seis como governador geral e oitocentos mil reis como official, afóra a pensão que lhe foi estabelecida. Alem d'isto recebe mais dez mil reis diarios por estar ausente da séde da capital da provincia. Ao todo sessenta e dois mil duzentos e vinte réis por dia!!

Devemos confessar que o Gungunhana nos tem levado os olhos da cara.»

Plenamente d'acordo.

Coreio republicano

Empreza Santos Lucas — Ainda cá não chegou a carta em que nos fallou.

Francisco Pedro de Jesus — Declarado que não pertence á redacção e que só a paternidade do suelto *Até nos urinoes* lhe pertence.

Club «Recreio e Instrucção» do Funchal — Attendido o seu pedido; vida folgada.

Estudante republicano — O seu artigo não pode ser publicado por coisas; o sr. a quem se refere está abaixo de toda a critica, julgamos-lhe applicaveis todas as phrases com que o *delicia*, mas não pode ser publicado o seu artigo; o republicano, objecto d'esse artigo, não tem aqui cotação.

Jocle — Tomadas na devida conta as suas indicações, termina hoje e pugna, que, dicto seja, não foi iniciada por esta redacção.

No passado numero foi dita a razão dos erros typographicos e de revisão.

CARTA DO PORTO

25—11—97.

Conferencias, conferencias, só conferencias e eis no que se resume todo o trabalho do grande politico e futuro organisador do partido nacional.

A primeira das conferencias ainda teve por assistentes um bello punhado de politicos em desponibilidade, na esperança de ser agora occasião de entrarem na effectividade de serviço, d'esses que andam como a roda dos ventos ao sopro da mais leve aragem e que servem de esteio a todos os aventureiros; mas nas seguintes o publico foi diminuindo e até esses mesmos politicos de todo lhe vão fugindo por advinharem já o fracasso da tentativa *Fuschini-Bernardinacea.*

Hoje, já ninguem acceita indefinido, por isso Fuschini e Bernardino são mortos mais uma vez como morto está o seu afamado partido, nado em terras de Espanha.

Como extrangeirismo já basta o que cá ha.

Demais dois chefes que se tocam, que se esbarram, quaes duas nuvens deviam á certa *chocar-se* e repelir-em-se immediatamente.

A declaração de um sobre o seu modo de ver e reformar restrictamente as instituições, se d'isso houvesse urgente necessidade, e se só nisso estivesse a salvação da patria e a do outro, de que não era republicano e que sempre acataria e attenderia aos interesses da corôa, não podia de forma alguma não produzir o descontentamento e descrença na politica séria, ou por outra, nos que ainda tomam a sério a politica.

Actualmente tudo o que não tiver accentuado caracter republicano, não é bem acceite pela nação e não é bem acceite por ser demais conhecido o proceder dos politicos monarchicos.

Toda a esperança está nos homens de ámanhã, nos novos não contaminados, de provada honradez e civismo politico.

◆

No dia 18 do corrente teve Luiz Soveral uma demorada conferencia com lord Salisbury.

Sobre que seria?

Não parece difficil advinhal-o.

Foi com certeza Lourenço Marques o assumpto de tão demorada conferencia.

Que nos andará a preparar no escuro o **agente pago a libras pela companhia da South Africa?**

Talvez os progressistas o saibam, attendendo ás boas e amigaveis relações que ligam o **traidor** o **vendilhão** da nossa africa, como lhe chamaram os progressistas, e esses mesmos progressistas.

Vamos, senhores, desembestem agora com elle toda a sua bilis d'outr'ora.

Vejam, vejam se são capazes...

◆

Parte do porto de Lisboa acaba de desabar por effeito de um enorme peso de areia com que, se estava enchendo o espaço entre a nova e velha moralha.

Calcula-se que são mais de 300 metros desabados e tambem mais de 300 contos de prejuiso para a empreza.

Olha que espiga nos estava reservada.

Foi uma felicidade o ter-se dado agora o desabamento, porque se é depois das obras concluidas eram dois os prejuisos.

Um, o termos de refazer a obra á nossa custa; outro, ficarmos roubados no dinheiro que a empreza Hersent nos sugou.

Que bella solidez d'obra!

Veremos se o governo no final das obras, quando será? não mandará uma commissão de engenheiros nacionaes examinar a solidez das obras, já que os extrangeiros as construem com tanta segurança.

Para se não desconsiderar o extrangeiro...

◆

Na ultima carta os srs. typographos fizeram as tropelias que quizeram e o sr. revisor tudo deixou passar. Tanto a uns como a outros eu peço a fineza de terem mais um bocadinho de cuidado, não pelos meus escriptos, mas por causa dos benevolos leitores que ficam a não comprehenderem nada do que lhe escrevo.

Jocle.

Sentimos

Falleceu no dia 29 de novembro o sr. dr. Damasio Jacintho Fragoso, lente jubilado de Theologia.

Mal do seculo

Queixa-se-nos um nosso amigo de que ha muito tempo tem grande falta de dinheiro; pede-nos que lhe digamos o meio de curar essa doença.

Ahi vae:

Ir ter com o Burnay que o indemnise dos roubos que lhe ha feito.

O Trabalhador

Entrou no seu 2.° anno este jornal communista-livre.

Os nossos parabens.

EDITOR

JOSÉ MARIA DOS SANTOS NAZARETH

Typographia Operaria—Coimbra